

## A POESIA IRÔNICA MEDIEVAL E O ENSINO DA IDADE MÉDIA

THE MEDIEVAL IRONIC POETRY AND THE TEACHING OF THE MIDDLE AGE

Matheus Ferreira Pereira<sup>41</sup>

Artigo recebido em 23 de março de 2023

Artigo aceito em 12 de junho de 2023

**Resumo:** O seguinte artigo pretende demonstrar a importância do movimento universitário denominado goliardo enquanto recurso para o ensino didático sobre a Idade Média. Para tanto, pretende apresentá-los com o seu principal manuscrito, o *Carmina Burana*. Em seguida, afirmar a sua originalidade, a dinâmica e irreverência dos seus poemas. Dessa maneira, pretende-se demonstrar a validade desse exemplo para introduzir no ambiente didático diversos elementos sociais, políticos, eclesiásticos, econômicos e culturais sobre o milênio medieval, presentes em suas poesias. Por fim, o artigo pretende demonstrar a possível identificação entre os estudantes universitários goliárdicos e os estudantes de sala de aula, de modo a ressaltar a utilidade do movimento para o êxito educacional desta disciplina nos dias atuais.

**Palavras-chave:** Ensino. Estudantes. Goliardos. Idade Média.

**Abstract:** The following article aims to demonstrate the importance of the university movement called goliardo as a resource for didactic teaching on the Middle Ages. Therefore, it intends to present them with its main manuscript, the *Carmina Burana*. Then assert your originality, dynamics and irreverence of your poems. In this way, it is intended to demonstrate the validity of this example to introduce in the didactic environment several social, political, ecclesiastical, economic and cultural elements about the medieval millennium, present in his poetry. Finally, the article intends to demonstrate the possible identification between Goliardic university students and classroom students, in order to highlight the usefulness of the movement for the educational success of this discipline today.

**Keywords:** Goliaths. Middle Ages. Students. Teaching.

Decerto, uma das muitas contribuições que a Idade Média trouxe para o mundo contemporâneo ainda costuma ser negligenciado: o surgimento das universidades. Certamente muitos preconceitos que ainda permeiam o milênio medieval relevam o fato de que, como bem define Charles Haskins, “as universidades, assim como as catedrais e os parlamentos, são um produto da Idade Média”. Para além disso, é possível ainda que, ao analisarmos o dia a dia daqueles que compõem a camada estudantil nesse cenário tão peculiar,

<sup>41</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação de História da Universidade Federal Fluminense (PPGH-UFF), bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Licenciado em História na mesma instituição. Orientação do Professor Emar Checon de Freitas. E-mail: [mfpereira@id.uff.br](mailto:mfpereira@id.uff.br).

possamos encontrar algumas contribuições fundamentais para o ensino da própria Idade Média para os estudantes nos dias de hoje. O fundamento para esta pesquisa se encontra nos vestígios deixados por um movimento universitário que, entre muitos fatores, aproxima-se, ou ao menos permite que determinadas pontes sejam levantadas, com o dia a dia de muitos jovens e adolescentes que compõem a sala de aula e, desta maneira, permite algum grau de identificação. Estes pensadores chamavam-se goliardos, e o seu principal legado encontra-se hoje em um manuscrito chamado *Carmina Burana*.

Aprofundemo-nos, então, um pouco mais neste movimento. Os goliardos, ou *clerici vagi* (clérigos vagantes) ou apenas “vagantes”, foram um movimento universitário que, enquanto homens intelectuais e buscadores ávidos de novos saberes, amavam a irreverência com a mesma paixão devotada aos estudos. Confrontadores de seu tempo, estes intelectuais ironizavam os objetos de admiração da sociedade, quer compusessem o aparato eclesiástico, político, social, ou mesmo os seus companheiros de poesias trovadorescas. O seu legado apresenta poesias que exaltam o vigor da juventude, ironizam os valores e as riquezas materiais, brincam com a “rainha da Inglaterra” e, dentre as mais comprometedoras, estão as suas canções a serem cantadas em tabernas, regadas a bastante vinho, exaltado a Baco e a Vênus, em referência à bebida e à sensualidade. Com as suas ironias ácidas, os goliardos gradualmente ganharam a apatia da sociedade em que criticavam, e ironizavam sua própria Fortuna, a imprevisibilidade da vida. Com a crescente marginalização e censuras da Igreja, gradualmente os goliardos desapareceram em meados do século XIV.

O seu principal manuscrito, *Carmina Burana*, contém mais de 350 poemas que podem ser agrupados em quatro categorias: Os poemas da *Primavera*, que falam da agitação das cidades, a energia da juventude que precisa ser apresentada e o louvor à inconstância. Em segundo lugar estão os poemas sobre o *Amor*, que curiosamente é tomado por irreverência, entre goliardos nada cavalheirescos e donzelas que se distanciam do inatingível e são descritos, por exemplo, em momentos nupciais. Em terceiro, os *Poemas Tabernários* que, embora estejam em menor quantidade, são os mais conhecidos devido ao teor

cômico exacerbado; a serem cantados em momentos de diversão noturna com frequentes paródias aos valores eclesiásticos. Por fim, estão os poemas da *Fortuna*, possivelmente escritos nos momentos finais do movimento ou da vida dos próprios poetas, em que abordam a inevitabilidade da morte como algo angustiante, ao mesmo tempo em que ressaltam a necessidade de viver o presente por não sabermos o que o futuro nos reserva.

A defesa da aplicabilidade dos goliardos em sala de aula não deriva da importância inabalável que o movimento representou na sociedade. Antes, deriva da sua absorção dos tempos em que viveram, demonstrados em seus escritos bem-humorados com teores de questionamentos à Igreja, à sociedade estamental que se formava enquanto ocupavam-se com livros e tabernas, e emanava de características greco-romanas em suas menções aos deuses e heróis em suas poesias. Estes poetas errantes enxergavam com admiração o desgarramento das instituições e a perspectiva de uma liberdade, e de maneira espelhada viam as instituições e regras de etiqueta como o oposto e um dos principais adversários do seu estilo de vida subversivo. De certa maneira, algo semelhante e de maior projeção aconteceria séculos mais tarde, com os renascentistas. No entanto, tomando por parâmetro as filosofias e todo o aglomerado de conhecimento grego antigo, estes pensadores se espelharam com ojeriza ao milênio que os dividiam, popularmente insultando-o como “período mediano”, ou idade das trevas, termo que curiosamente também trouxe os goliardos, relegados ao gradativo esquecimento.

É necessário, no entanto, antes de trazer os conceitos sobre a aplicabilidade desses poemas no ambiente eclesiástico, ressaltar que este breve artigo não traz consigo a pretensão de esgotar o assunto em meio a um panorama exaustivo. Antes, pretende apenas instigar o leitor com hipóteses, teorias e sugestões; por meio das quais seja pertinente considerarmos a possibilidade de aplicação das poesias goliárdicas em ambiente didático para fins de dinâmica e diálogo entre o professor e o aluno. É vital o entendimento de que estas aplicações requerem prática, análise de resultados, correções e reflexões continuamente. A pertinência dessa breve reflexão não reside em conclusões

inequívocas, mas em impulsos, provocações que buscam ser traduzidas em tímidos passos necessários para conclusões que podem se revelar extremamente importantes para a abertura de novos diálogos e entendimentos na dinâmica entre o professor e o aluno, permeado pela dinâmica goliárdica, inserida no ambiente medieval.

A sugestão é que o movimento possa ser utilizado como uma zona de convergência entre os principais fatores característicos, para, junto aos alunos, estudar o período em que viveram e, por conseguinte, apresentar elementos pertinentes à Idade Média livre de estereótipos pejorativos que pressupõem a estática e a ignorância. Somado ao fato de escreverem poesias satíricas e irreverentes, certamente não faltam poemas para que esse objetivo se cumpra de maneira dinâmica, atraente e sem que precise ser repetitivo em sua didática. A fonte ainda foi precariamente aprofundada, e o assunto a ser trabalhado é maravilhoso.

Assim, é possível utilizar os goliardos para apresentar as poesias de bar, alegres, irreverentes, ácidas, mal vistas e até mesmo constrangedoras. Ainda desta maneira, podemos pensar como utilizar o tema dos goliardos em salas de aula, de modo a relacioná-los com diversos tópicos do medievo, como o renascimento urbano, o surgimento das universidades, a tolerância (ou intolerância) da Santa Igreja, o renascimento cultural, os movimentos literários e até mesmo o retorno à cultura greco-romana, normalmente atribuído à Renascença. Enquanto um movimento que ainda se encontra debaixo da obscuridade, é possível ressaltar em suas sátiras, o espírito transgressor e a apatia existente durante as crises dos séculos XI-XIII e o aquecimento demográfico e urbano, enfim, medievais inseridos em seu tempo.

Desta maneira, demonstramos que estudar esse peculiar movimento não se trata somente de uma observação a ser feita no escritório de um historiador, reservado a capítulos de livros acadêmicos; mas um recurso capaz de movimentar a interpretação historiográfica sobre a Idade Média, em particular na segunda parte do seu milênio. E a isto se refere a sua contribuição para o ensino sobre o período medieval relevar-se mais dinâmico. Ainda que evitamos os

exageros já há muito refutados, como o termo pejorativo cunhado por Petrarca da Idade Média como “A Idade das Trevas”, os goliardos contribuem ainda com o ensino do chamado Renascimento por diluir as suas barreiras, antecipando uma série de conceitos que já se fazem presentes em seus poemas, como a presença dos elementos antigos, o individualismo antropocêntrico e os questionamentos à Igreja Católica. Afinal, a exemplo dos goliardos, já havia movimentos que nasceram junto às universidades, ainda no início do aquecimento urbano, que aproximam os conceitos renascentistas em quase quatrocentos anos de História, no seio do período feudal, no interior da Idade Média.

Além disso, os poemas contidos no *Carmina Burana* podem também ser apresentados de maneira musicalizada. Embora certamente seja detentora de certo grau de anacronismo, uma considerável parte de seus poemas foi adaptada para a tão conhecida musicalização de Carl Orff durante o século XX que carrega o mesmo nome do manuscrito. Uma inspiração para desenvolver essa reflexão surge a partir da introdução do estudo de Christopher de Hamel sobre o *Carmina Burana* em sua obra *Manuscritos Notáveis*. No capítulo de número 8, totalmente destinado ao manuscrito, o autor opta por começar com uma explicação sobre a sua relação com o documento, e expõe o quanto foi impactado por ele com o poema *Tempus es Locundum*. Hamel se recorda de quando era garoto e, em sua escola na Nova Zelândia, optou por escolher latim em seu currículo. Até mesmo brinca ao dizer que não o escolhera por ser bom em latim, mas “por ser pior em quase todas as outras coisas”<sup>42</sup>. No entanto, elogia quando o professor levou um disco de *Carmina Burana* musicalizada por Carl Orff. O autor assim relata:

“Foi inesquecível. Fomos todos cativados pela música impregnante e pela sensual letra rítmica em latim sobre garotas e bebida e a manifesta injustiça da fortuna. Para uma turma de garotos adolescentes em que os hormônios já latejavam, ali estava um latim que tocava a alma de um jeito que as *Guerras Gálicas* de César nunca tinham feito. Pedimos ao sr. Dunwoodle que a tocasse mais e mais uma vez, assegurando-lhe que era educativo. E ele acatou, ganhando pontos conosco. Logo estávamos sabendo muitos dos versos latinos de cor, e de alguns ainda me lembro...”<sup>43</sup>

<sup>42</sup> HAMEL, Christopher. *Manuscritos Notáveis*. 1ª Ed. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2017. p. 359

<sup>43</sup> Ibid, 359.

Os goliardos tiveram uma participação importante em sua juventude, e essa memória afetiva registrada décadas mais tarde foi construída no ambiente escolar e retribuída com um capítulo em sua obra destinada a esse manuscrito. Esta experiência também não se resume a Christopher de Hamel. Recordo-me de quando o professor João Daniel, professor da cidade do Rio de Janeiro que muito me incentivou a mudar a rota do curso de Arquitetura para História, e que relatou a sua experiência com a música medieval quando, ainda aluno, o seu professor utilizava os cantos polifônicos para dividir as vozes entre os alunos e fazer com que eles mesmos cantassem, reproduzindo a atmosfera medieval dentro dos limites que sua criatividade não conseguisse romper.

Qual não foi também a minha surpresa ao realizar esse estudo e descobrir que uma das músicas que considerava mais impactantes que ouvi quando eu mesmo era criança, *Fortuna Imperatrix Mundi*<sup>44</sup>, era baseada em poemas goliárdicos? Certamente que, conforme já explicitado, não nos deixa escapar a diferença de quase sete séculos entre os poemas goliárdicos e a musicalização feita por Carl Orff; no entanto, estas canções ainda são perfeitamente pertinentes para instigar os estudantes de Idade Média, Latim ou outras áreas interdisciplinares que envolvam o período, como o estudo das letras e das artes, e despertar os seus anseios e buscar as suas raízes e, por conseguinte, as histórias vividas por seus autores.

A veia cômica exagerada tanto na letra quanto na música "*Ego Sum Abbas*"<sup>45</sup>, acompanhada de sua defesa por uma vida libertina trajada em uma roupagem eclesiástica; ou "*Cours D'Amours*"<sup>46</sup>, capaz de arrancar suspiros de seus ouvintes com o acompanhamento dos instrumentos de sopro, não somente podem ser recursos para inspirar os alunos a conhecer o contexto goliardo ou a língua latina, mas também uma forma de tornar a aula dinâmica com alunos que

---

<sup>44</sup> Poema contido na contracapa do manuscrito *Carmina Burana*, em sua parte inferior, logo abaixo da Roda da Fortuna.

<sup>45</sup> Poema 13 do *Carmina Burana*, cf: FRANCO, João José de Melo. "*Carmina Burana*". Canções de Beuern. 2ª Ed. Ibis Libris, 2009, p. 73.

<sup>46</sup> Expressão de cunho do próprio Orff, referente a diversos poemas da categoria *Amor* presentes no *Carmina Burana*. Cf: FRANCO, João José de Melo. "*Carmina Burana*". Canções de Beuern. 2ª Ed. Ibis Libris, 2009, p. 79.

pouco tenham de consideração sobre a Idade Média ou as aulas de História de uma maneira geral. Desta maneira, memórias são construídas na mente dos estudantes, que entrelaçam uma aula dinâmica a conexões com os estudantes do passado que também possuíam críticas ao sistema vigente, assim como paixões pertinentes à juventude que possuíam.

Este jogo de sensações provocado pela música ou pelo conteúdo irreverente que “rompe” com o ensino tradicional não precisa ser um espaço reservado para aqueles que estiverem em ambiente universitário. Ao contrário, como Hamel defende, “estávamos justamente na idade apropriada. Essa música era para nós uma sedutora evocação de estudantes medievais anárquicos e amorosos vagabundos em versos pelo século XII na Europa, com um *éthos* de espírito livre muito parecido com o de meados da década de 1960”<sup>47</sup>. Nos questionemos, então: Será que os adolescentes de hoje estão menos suscetíveis aos desejos de “luxúria e rebelião” do que aqueles do século XII ou ainda os da década de 1960? Conquanto sejam impulsos concernentes à abordagem medievalística pedagógica ainda passíveis de lapidações, convém apresentá-las ao menos em caráter de relevante reflexão.

Além disso, os goliardos levaram a arte da poesia para fora das frias paredes dos escritórios eruditos, movendo-as para as mesas de bar. As penas que pertenciam às mãos cuidadosas dos intelectuais agora alternavam o seu uso com as canecas escorregadias de cerveja nas tabernas barulhentas. Dessa maneira, tornar esses escritos mais populares entre jovens não deve ter apenas um fim em si mesmo, mas como possibilidades de compreendê-los e utilizá-los como referências do seu contexto histórico, popularizar a sua importância como um representante ativo e complexo do seu tempo, e preencher uma lacuna que ainda existe no pensamento historiográfico medieval. Como benefício, atraímos uma juventude que se identifica com o espírito transgressor do movimento, levando a busca pelo conhecimento intelectual para fora dos ambientes acadêmicos e envolvendo-o com ares de sátira e coragem em suas críticas.

---

<sup>47</sup> HAMEL, Christopher. *Manuscritos Notáveis*. 1ª Ed. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2017. p. 359-361.



Naturalmente que esses apontamentos não sugerem qualquer apoio por parte do docente para alguma transgressão a ser praticada pelo aluno; no entanto, ancora-se na compreensão do prazer existente na transgressão, mesmo que ilusória ou fictícia, de personagens que lhes sejam apresentados.

É inevitável considerarmos que muitos apresentarão os seus justos questionamentos sobre os goliardos sob o manto da interpretação de poemas extremamente ofensivos e que, por seus excessos, devem ser evitados. A isso, creio que cabem duas considerações: A primeira é que, a despeito dos conteúdos que nos estão disponíveis, não devemos ser rápidos em nossos julgamentos quanto às intenções dos poetas vagantes sob os nossos olhares anacrônicos. Conforme aponta Marc Bloch em seu *Ofício do Historiador*, “Os exploradores do passado não são homens completamente livres. O passado é seu tirano. Proíbe-lhes conhecer de si qualquer coisa a não ser o que ele mesmo lhes fornece”<sup>48</sup>. Temos as poesias, mas não temos as suas intenções. Temos registros, mas não o peso do contexto específicos em que eles se encontravam. Ademais, cabe ainda acrescentar que tal reflexão pode também ser incorporada a um debate sobre o próprio uso das fontes em sala de aula, como maneira de instigar a reflexão sobre o manuseio e as interpretações de relatos dos antigos sob risco de anacronismo por parte do investigador.

Além disso, a aplicabilidade de um documento na sala de aula está, em grande parte, suscetível à sensatez do docente e à forma como lhe for apresentado. Um documento que aos olhos de certos adultos possa parecer inconveniente por suas ofensas, pode também ser visto de forma bastante criativa quando trabalhado em um ambiente apropriado, que desafie o aluno a apresentar um olhar crítico para a fonte, corretamente instigado pelo professor a dirigir o seu olhar para a criatividade dos poetas. Como já vimos, eles se encontravam em um ambiente bastante complexo, e os seus questionamentos são uma evidência desse tornado que se revela tanto na parte externa através da historiografia, quanto de forma interna; tudo isso através dos seus poemas por si mesmos bastante conflituosos.

---

<sup>48</sup> Marc Bloch, *Apologia da História*, p.75.



Os goliardos viviam em tempestades na agitação constante da Idade Média Central, e em tornados com os seus dilemas internos que transitavam entre a banalização da vida e o terror da proximidade da morte cada vez maior. Resta a habilidade de um bom educador para se fazer bom uso disso. Em última análise, é sempre bastante útil nos lembrarmos de que os temas difíceis e espinhosos não devem ser evitados em um ambiente educacional sob o risco de serem mal interpretados. Antes, o risco da má interpretação deve constranger o educador a se preocupar com uma abordagem que mostre a legitimidade do seu conteúdo. Além disso, apresentar os goliardos como evidência de um movimento atraente na Idade Média Central não significa, ao menos não necessariamente, lhes aplicar um juízo de valor. É extremamente possível, e até mesmo sadio, demonstrar o movimento como um fator complexo da sociedade, com suas virtudes e defeitos dos quais, entre as virtudes que podemos replicar, estão a sua criatividade e o seu pensamento questionador que realçam a complexidade da própria Idade Média.

Além disso, o recurso para falarmos sobre os goliardos esteve à nossa frente o tempo inteiro, pois as aplicações úteis para os goliardos envolvem grande parte de toda a dinâmica presente neste grande período. De fato, o cerne deste trabalho justifica a sua aplicabilidade em sala de aula, uma vez que, enquanto os goliardos são também evidências da presença de um pensamento questionador na Idade Média Central, se relacionam intimamente com o surgimento das cidades, das transformações intelectuais e das renovações eclesiais. Assim, a escolha de um recurso que permita a introdução de elementos sobre a Idade Média como um recurso pedagógico certamente poderá transitar entre as diversas poesias goliárdicas, cujas ironias transbordam elementos sobre a cidade, aqueles que viveram, o espírito ativo da sociedade, a presença da moeda, dentre muitos outros elementos disponíveis a serem usados da forma como o educador acreditar ser mais conveniente.

No entanto, costumeiramente delegamos a outros grupos exemplos destas categorias historiográficas. Para se falar dos movimentos intelectuais, exemplificamos - com justiça, naturalmente, o surgimento das universidades - e

até citamos o goliardo Pedro Abelardo<sup>49</sup>, mas apenas como professor. Para se falar dos aspectos culturais e intelectuais, apresentamos os trovadores. Sobre a permissividade controlada pelo Estado e a Igreja, mostramos o Carnaval. Sobre os questionamentos eclesiásticos, citamos os pré-reformadores. Naturalmente estes são exemplos convenientes, que não devem ser desprezados. Esse artigo não visa reduzir a importância de todos esses exemplos, pois são ramos que enriquecem a frondosa árvore que é a Idade Média. Mas será que ao retirar os goliardos não repetimos o apagamento sofrido por eles em seu próprio contexto?

Uma sugestão, portanto, para atividade destinada a alunos adolescentes sobre a Idade Média a partir dos goliardos pode ser feita com a apresentação de algumas músicas com seus poemas para inspirar os alunos. Ao desafiá-los à leitura de uma poesia goliárdica específica em que procurem identificar referências em seus versos aos temas que foram ensinados sobre o período medieval (como a *Confessio*<sup>50</sup>, que foi utilizada como exemplo para tornar evidente diversos aspectos sociais, eclesiásticos e universitários). Em meio às ironias contidas nas poesias, e ao som da musicalização hipnotizadora feita por Carl Orff, os alunos demonstrarão que os goliardos são tanto um exemplo desse pensamento questionador inserido no que talvez tenha sido o período mais subestimado da História, o feudalismo, quanto que os poemas deixados pelos chamados poetas errantes são um útil recurso pedagógico para ensinar a Idade Média em um ambiente escolar.

O que este trabalho se propõe a defender é que, ao ignorarmos este movimento, deixamos de elaborar um exemplo adequado à maioria destas esferas, junto a um caráter satírico que torna a Idade Média, no mínimo, mais interessante para os estudos que possuem pensamentos confrontadores em nossa sociedade. É de se surpreender, portanto, que um exemplo que possa envolver estas dinâmicas sociais seja objeto de tão curioso esquecimento. Certamente não trataremos os goliardos como dependentes do nosso tempo, como se a sua função ou importância estivessem condicionadas aos olhares

---

<sup>49</sup> LE GOFF, Jacques. *Os Intelectuais da Idade Média*. 10 ed. Editora José Olympio. 2003. p. 57.

<sup>50</sup>Confessio. In: FRANCO, João José de Melo. "*Carmina Burana*". Canções de Beuern.

atuais. Mas, justamente por reconhecermos a sua participação ativa com os aquecimentos intelectuais e políticos entre os séculos XII-XIII, é que devemos nos perguntar: Por que os goliardos não são devidamente abordados em ambientes historiográficos e até mesmo nas salas de aula, quando falamos sobre as dinâmicas que permearam o período do baixo medievo? Estariam ainda os goliardos debaixo da desaprovação formal? Para todos os fins, a peculiaridade destes homens fala por si só, e são plenamente capazes de despertar a curiosidade dos olhares dispostos.

Revela-se inspiradora uma abordagem mais profunda a esse grupo, quando considerado ainda ser uma ferramenta capaz de despertar o interesse de alunos para uma abordagem didática do seu caráter irônico de expressar os desejos de uma vida livre das amarras institucionais e das críticas sociais. Os goliardos eram, por essência, rejeitados. Como podemos mensurar, então, a capacidade de identificação que este legado pode exercer em adolescentes tomados pelos impulsos típicos da juventude em uma sala de aula? Por fim, explorar o pensamento satírico e questionador presente nos goliardos é encontrar uma força motivadora em sua época, capaz de criticar as múltiplas camadas existentes, as autoridades eclesiásticas tradicionais e os preconceitos vigentes. Mesmo no ambiente universitário, portanto, o espírito transgressor dos goliardos se faz necessário. Em muitos ambientes acadêmicos o ensino se encontra fechado, em atmosferas controladas por um modelo rígido e tecnicista, moldado por exames e sem espaço para a criatividade. Não é de se estranhar que Rafael Falcón, ao elaborar o prefácio da obra Charles H. Haskins *"A Ascensão das Universidades"*, aponte o mesmo problema quanto às universidades norte-americanas de quase um século atrás? É desta maneira que ele descreve as universidades: "Creio estar absolutamente claro que a universidade engessou as inteligências, massacrou os talentos, esmagou o verdadeiro gênio humano, sempre individual e livre, sob o peso mastodôntico da corporação"<sup>51</sup>.

Não precisamos nos questionar por muito tempo para observarmos em

---

<sup>51</sup> HASKINS, Charles Homer. *A ascensão das universidades*. Livraria Danúbio Editora, 2015. Leitura em Kindle, pos. 129.

nosso mesmo ambiente a necessidade das canções subversivas contra instituições que ainda insistem em ditar a forma como devemos agir e pensar. A tarefa do professor também consiste em despertar uma geração adormecida, acostumada a uma inércia provocada pelas redes sociais e um pensamento depreciativo sobre si mesmo, oriundo de qualquer lugar que seja.

Neste caso, é possível fazer uma nova aplicação da citação de Marc Bloch em sua *Apologia da História*, na qual observa que “a ignorância do passado não se limita a prejudicar a compreensão do presente; compromete, no presente, a própria ação”<sup>52</sup>. Preservar o anonimato de um grupo irreverente, sarcástico e ousado como os goliardos gera barreiras não somente para os grupos irreverentes das instituições de ensino que possuímos no presente, mas prejudica também a ação, pois refere-se à privação de uma oportunidade de diálogo com os que também se identificam como “vagantes”, deixados à vontade da Fortuna. Trata-se, portanto, de observarmos esta perda de uma ferramenta de contato e aplicá-la em prol de uma reinterpretação da Idade Média nos ambientes de ensino e uma reaproximação com os atuais *vagantes* que permeiam esses lugares.

## REFERÊNCIAS

### Referências da Fonte:

FRANCO, João José de Melo. "Carmina Burana". Canções de Beuern. Ed. Ibis Libris; 2ed. 2009.

SPINA, Segismundo. Carmina Burana: Canções de Beuern. Traduzido por Maurice van Woensel. Ed. bilíngue, latim-português. São Paulo: Ars Poética, 1994.

### Referências Bibliográficas:

BARZ, Kris. Cantigas Trovadorescas. Ed: Melhoramentos; 1ed. 2014. p 151-156.

BASCHET, Jérôme. A civilização feudal. São Paulo: Globo, 2006, 578 p.

BÍBLIA. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BJORK, Robert E. The Oxford Dictionary of the Middle Ages. Oxford University Press, 2010. Disponível em:

---

<sup>52</sup> BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Ed: Zahar. 1ª ed., 2002. p. 63.

<https://www.oxfordreference.com/view/10.1093/acref/9780198662624.001.0001/acref-9780198662624-e-4321?rskey=YcpfLe&result=1>> Acessado em 18/10/2022.

BLOCH, Marc. A Sociedade Feudal. Ed: Edipro; 1ed, 2016. p. 19.

BLOCH, Marc. Apologia da história ou o ofício do historiador. Ed: Zahar. 1ed. 2002. p.19.

BLOCKMANS, Wim; HOPPENBROWERS, Peter. Introdução à Europa medieval: 300- 1550. Rio de Janeiro: Forense, 2012.

DUBY, George. A Europa na Idade Média. Ed: Martins Fontes. 2018, 170 p.

DUBY, Georges. Idade Média Idade dos Homens: do amor e outros ensaios. Companhia das Letras, 1989, p. 131-165.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. A Idade Média: O Nascimento do Ocidente. 2ed. São Paulo: Brasiliense, 2001. HAMEL, Christopher de. Manuscritos Notáveis. Tradução – Paulo Geiger. 1ed. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2017. p. 359-407.

HASKINS, Charles Homer. A ascensão das universidades. Balneário Camboriú, SC: Livraria Danúbio Editora, 2015.

LE GOFF, Jacques. A Civilização do Ocidente Medieval. 1ed. Editora Vozes. 2018. 384p.

LE GOFF, Jacques. As Raízes medievais da Europa. 4ed. Editora Vozes. 2011. 384p.

LE GOFF, Jacques. O Apogeu da Cidade Medieval. 1ed. Editora Martins Fontes. 1992, 236 p.

LE GOFF, Jacques. O Deus da Idade Média. 6ed. Editora Civilização Brasileira. 2006. 128p.

LE GOFF, Jacques. O Nascimento do Purgatório. 1ed. Editora Vozes. 2017, 576 p.

LE GOFF, Jacques. Os Intelectuais da Idade Média. 10ed. Editora José Olympio. 2003. 254p.

LIBERA, Alain de. Filósofos e Intelectuais. In: Pensar na Idade Média. São Paulo: 34, 1999. cap. 5, p. 139-173.

MACHADO, H. G. FRANCO JÚNIOR, Hilário. Cocanha: a história de um país imaginário. *Cadernos de História*, v. 4, n. 5, p. 43-47, 18 nov. 1999.

MACHADO, Jivago Furlan. A Crítica Social e Política dos poetas goliardos em Carmina Burana. Universidade Federal de Santa Maria – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Curso de História. Trabalho de Conclusão de Graduação. Santa Maria, RS, 2015.

MARCELINO, Alessandra do Amaral Pereira. CARMINA BURANA: Os goliardos e suas críticas contra o sistema social e clerical, por meio da música e da poesia nos séculos XII e

XIII. Universidade Federal da Fronteira Sul – Curso de História, Trabalho de Conclusão de Curso, SC. 2021.

RIBAS, Helena M. A Vida por Detrás das Palavras. "A lírica tabernária dos goliardos presente no Carmina Burana – Séculos XI-XIII". 2015. 58 p.

RIBAS, Helena M. Entre Vícios e Virtudes. "A Sátira dos Goliardos Medievais – Séculos XI a XIII". Curitiba, PR, 2018. 154 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História. Orientadora: Profa. Dra. Fátima Regina Fernandes.

SALDANHA, Mayara Ramos. O pensamento goliárdico em Carmina Burana. Anais do Encontro Internacional e XVIII Encontro de História da ANPUH-Rio: História e Parcerias. Rio de Janeiro, 2018.

VICENTINO, Cláudio e MOURA, José Carlos Pires. "História - Ensino Médio". Livro-texto 1. Sistema de Ensino ph.

ZUMTHOR, P. A letra e a voz: a "literatura" medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.